

**N**UNCA TIVE vontade de voltar ao Viet-Nam. Ao contrário de outros veteranos da guerra, não sou uma pessoa introspectiva e tenho mais com que me preocupar: minha mulher, um filho na universidade, outro quase lá e minha empresa de consultadoria nos arredores de Washington. Por isso, fiquei algo surpreso ao me ver regressar à terrível prisão norte-vietnamita de Hoa Lo, conhecida como «o Hanói Hil-

ton» por toda uma geração de americanos.

Passara oito anos e meio em prisões do Viet-Nam do Norte, sendo o segundo entre os americanos detidos por mais tempo como prisioneiros de guerra ali. Meu tempo de atividade bélica consistira em duas missões apenas: o Skyhawk da Marinha que eu pilotava foi abatido na segunda, no dia 5 de agosto de 1964. Minha verdadeira guerra viria

Como eu reagiria ao entrar na cela onde passara anos como prisioneiro de guerra?

## A Hanói, onde as preces foram ouvidas

EVERETT ALVAREZ JR.



a ser mais longa e interiorizada, lutando contra a dor e o medo da tortura e contra o desespero e a solidão de tantos meses que passei isolado.

Ganhei essa guerra. Voltei aos Estados Unidos e reorganizei minha vida, como diretor adjunto do Corpo da Paz e chefe adjunto da Administração dos Veteranos (durante o mandato do presidente Reagan), criando mais tarde uma bem-sucedida empresa de consultoria. Foi então que, no ano passado, um produtor cinematográfico me convidou a voltar a Hanói com um pequeno grupo de ex-prisioneiros de guerra, para fazer um documentário. Seria talvez minha última chance de visitar novamente a prisão de Hoa Lo. Talvez por ela suscitar recordações dolorosas, o governo vietnamita queria demoli-la.

Meus amigos ficaram preocupados. «Você deve levar junto um psiquiatra para lhe prestar apoio», me sugeriu um deles. Como suas observações começaram a mexer comigo, resolvi telefonar a um amigo de longa data, o senador John McCain, que também fora piloto da Marinha e passara quase tanto tempo no Hanói Hilton como eu. «Nem você nem eu até hoje sofremos recaídas», acalmou-me ele. «Vá lá e se divirta.»

Em Hanói, reparei que a guerra fora quase completamente esquecida. Uma geração inteira de vietnamitas (os jovens que dirigiam os táxis, que nos serviam no hotel ou representavam departamentos governamentais) ou eram jovens demais ou ainda nem haviam nascido quan-

do a guerra terminou. Agora, vestiam *jeans* à americana e dançavam ao som da música de meu país. O inglês estava até substituindo o francês como segunda língua nacional.

Mas havia algo que não se havia alterado num país que ainda era tão pobre que o salário médio anual equivalia a cerca de 200 dólares: ratos corriam pelo hotel, da mesma forma que haviam partilhado comigo minha cela no Hanói Hilton.

Na véspera de nos mostrarem a prisão de Hoa Lo, levaram-me a um pequeno pagode numa ilha, situada num lago no centro da cidade. À minha espera estava um vietnamita de aspecto vagamente familiar, que se apresentou a mim como Sr. Bich, ex-oficial do exército vietnamita que me levava do local de minha captura, na costa, até minha cela em Hanói. Não me tratara mal. Portara-se mais como o gerente de um pequeno hotel, levando-me à cela 24.

Num inglês algo macarrônico, ele me disse: «Reconheço o senhor perfeitamente. Foi o primeiro aviador a ser capturado. Era muito jovem. Tenho pena do senhor.» Porque eu perdera meus melhores anos.

Eu não estava com disposição para nostalgias e respondi: «Vocês podiam ter-me deixado ir para casa mais cedo. Por que tornar nossa vida tão difícil?»

«Nós não quisemos criar dificuldades», retorquiu ele.

Era inútil prosseguirmos com aquilo. Ele me pediu uma cópia de meu livro, *Chained Eagle (Águia Agrihoada)*, no qual descrevo as priva-

ções e a tortura a que os prisioneiros de guerra estiveram sujeitos. Como dedicatória escrevi: «No futuro, nossos países poderão ser amigos.»

Na manhã seguinte fomos ao Hanói Hilton. Eu me perguntava se iria ser atingido pelo trauma emocional que tanta gente previra. Curiosamente, isso não aconteceu, nem quando voltei a atravessar o túnel por baixo da prisão, onde, há quase 30 anos, ouvira os portões de metal se fecharem atrás de mim com um som estridente. Will Furman, o produtor do documentário (intitulado *In the Presence of My Enemies — Frente a Frente com Meus Inimigos*), levou-me ao que supostamente teria sido minha antiga cela, mas tratava-se do compartimento ao lado.

«Você está fazendo confusão», me disse ele. «Sua cela era esta.»

Não havia confusão nenhuma. Um homem não esquece seja o que for de um local que estudou minuciosamente em seis meses de solitária. Aquilo que Furman pensava ser minha cela fora a sala para onde me levaram para ser interrogado. Por fim, o produtor conseguiu obter uma chave de minha verdadeira cela com nossos anfitriões vietnamitas.

A coisa que eu mais queria ver encontrava-se numa parede do pátio atrás da cela. Era uma cruz que eu gravara com um prego enferrujado que encontrara no chão em meu primeiro domingo de cativo. Raspara a argamassa pintada até chegar à base branca, riscando a parede até desenhar uma cruz de 30 cm de altura e 20 cm de largura.

Por baixo dela, escrevera meu nome: *Segundo Tenente Everett Alvarez Jr., Marinha dos EUA. Abatido a 5 de agosto de 1964, chegado a Hanói a 11 de agosto de 1964.*

Depois rezei. Em criança, eu tinha sido sacristão e estudara num colégio de jesuítas. Lembrava-me dos rituais que aprendera e a igreja era minha âncora espiritual. Sempre sentira serenidade dentro de suas paredes, uma serenidade que eu invocava quando mais necessitava.

Prestava culto diário diante de minha cruz improvisada, em minha igreja imaginária. Era novamente um acólito, desempenhando todos os rituais. A oração me ajudou a suportar aqueles longos dias e noites, bem como os interrogatórios brutais na sala ao lado.

Agora, eu estava de volta à minha cela, fixando o chão, com seus azulejos vermelhos e amarelos, e as portas de 2,5 m de altura. As autoridades da prisão haviam pintado novamente as paredes e acrescentado uma segunda lâmpada.

Fui direito à porta traseira, que dava acesso ao pátio, e olhei para fora. Fiquei desapontado: minha cruz fora apagada, juntamente com as letras, por uma nova camada de argamassa e tinta.

De novo em minha cela, olhei através das grades que encimavam a porta para a nesga de céu que aparecia por trás delas e tentei explicar a quem estava comigo a forma como, mês após mês, levantara meus olhos para aquele pedaço de céu e rezara até o dia seguinte. Tive de

pestanejar para agüentar as lágrimas e senti um nó na garganta.

Afinal *havia* algo enterrado no fundo de meu ser. Mas não era arrependimento, remorso nem ódio. Era gratidão por Deus ter correspondido não só às minhas orações daquela época, mas também a pedidos que nem me atrevera a formular. Fora Ele quem me devolveu a liberdade e minha família, permitindo-me ultrapassar toda a raiva, ressentimento e medo que eu sentira. Por obra de Deus, conseguira perdoar e esquecer.

FOTO (TENENTE EVERETT ALVAREZ JR. COM UM MARINHEIRO NORTE-VIETNAMITA, APOS TER SIDO ABATIDO A 5 DE AGOSTO DE 1964): © DE UPI/BETTMANN

No caminho de volta, descobri que a maioria dos outros ex-prisioneiros de guerra sentia mais ou menos o mesmo que eu: que aquele longo período de cativeiro fora a forma de Deus nos deixar refletir sobre a questão do ódio e partilhar nossas forças e fraquezas. Duvido que haja um de nós que diga que teria conseguido sobreviver sem Deus, fosse qual fosse a forma como cada um O entendia. Foi esta a revelação que experimentei naquela cela e, como finalmente compreendi, a razão de meu regresso a Hanói.

---

## ***Despertador natural***

É FIM de semana, e você está todo contente porque vai poder dormir até mais tarde. Porém, ao soarem as 7 da manhã, seus olhos se abrem de repente.

Esse despertador que toca em seu cérebro é proveniente de duas massas de neurônios denominadas núcleos supraquiasmáticos (NSQ), que enviam os sinais que geram nossos ritmos circadianos — sendo o mais conhecido o ciclo acordar-adormecer. Até agora, nunca ninguém compreendeu de que forma os NSQ controlam esse ciclo. «O relógio biológico pode estimular a insônia, provocar sono, ou ambos», explica Dale M. Edgar, do Centro de Investigação do Sono da Universidade de Stanford.

Edgar e seus colegas pegaram em dez esquilos machos e eliminaram ambos os NSQ em cinco deles. «Todos os animais estavam contentes e saudáveis, brincando em suas jaulas», diz, «mas aqueles a quem tinha sido extraído o relógio biológico dormitavam durante todo o dia.» É assim evidente que os NSQ nos acordam de manhã e continuam a buzinar suavemente ao longo de todo o dia para nos mantermos acordados. Edgar pensa que esse despertador luta permanentemente com um aviso do sono, cuja origem ainda não foi descoberta.

Para os seres humanos, a insistência dos NSQ pode se tornar um problema — por exemplo, no caso da mudança rápida de fusos horários. Assim, o objetivo máximo da pesquisa de Edgar é a descoberta de medicamentos que nos permitam reajustar nosso despertador à nossa vontade.

— Lori Oliwenstein, em *Discover*